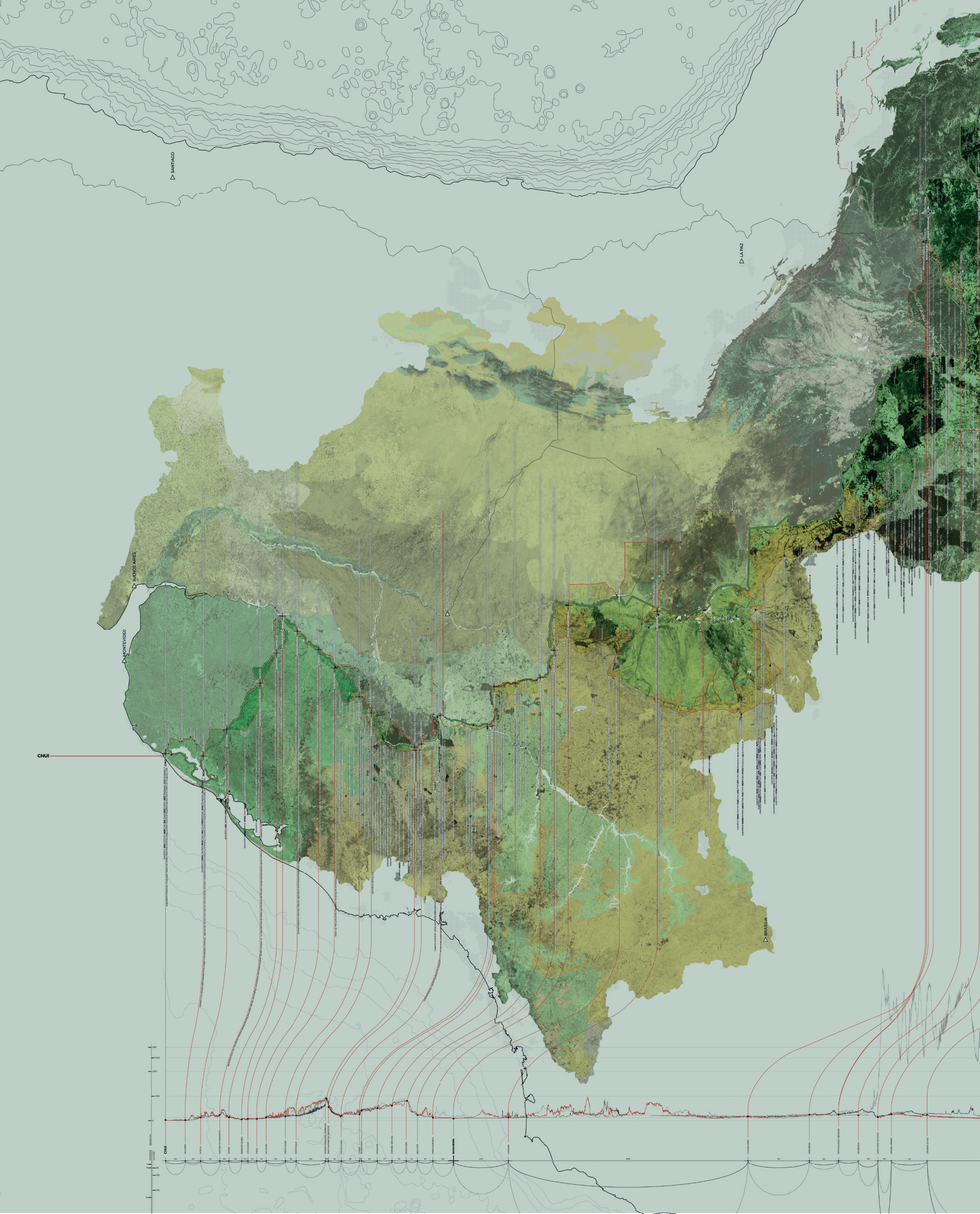
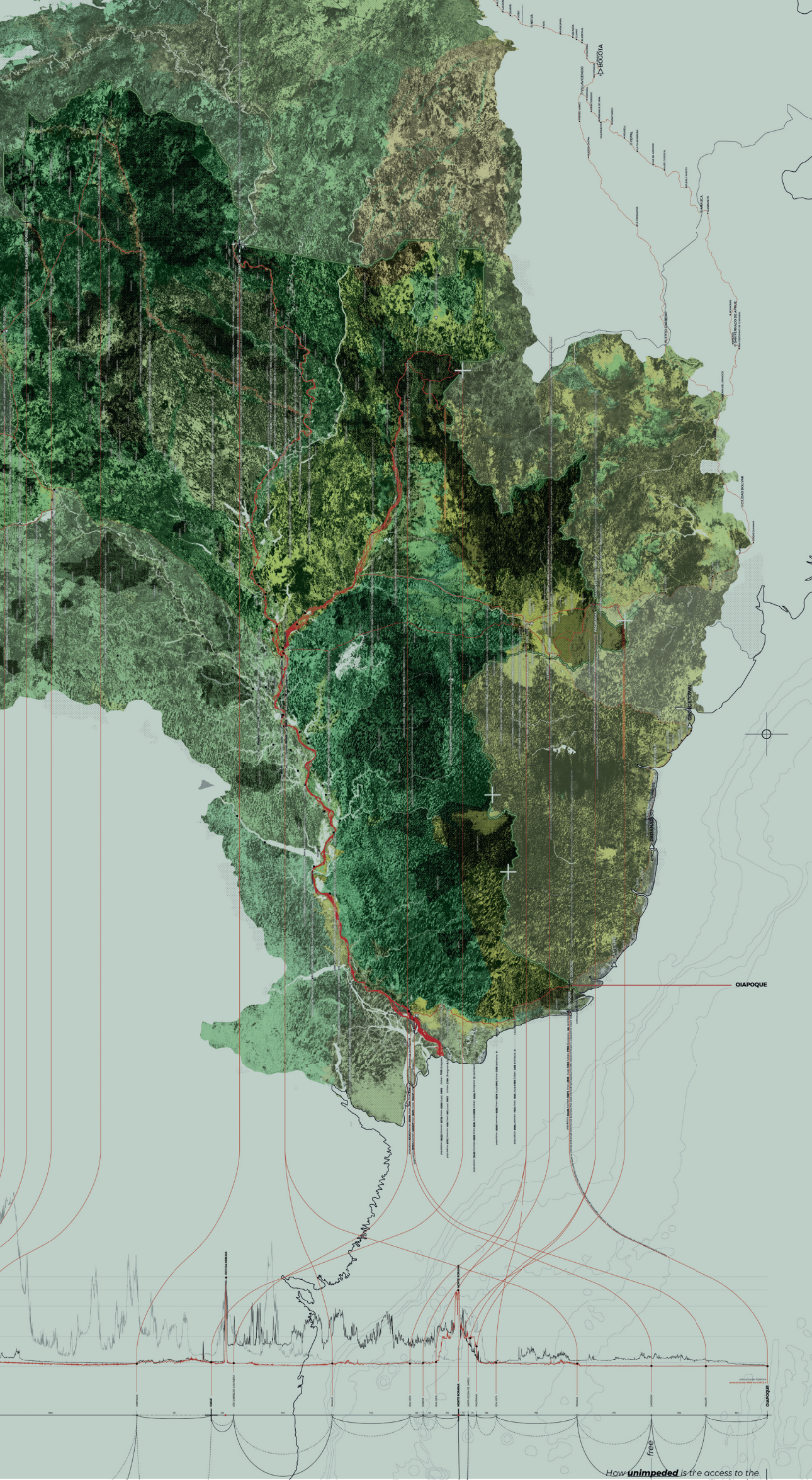

O mapa não é o território: o redesenho da fronteira. Quão desimpedido é o acesso à fronteira brasileira?

Gabriel Kozlowski
Laura González Fierro
Marcelo Maia Rosa
Sol Camacho







- Espinal
- Iquitos Varzea
- Guianan Highlands Moist Forests
- Atlantic Coast Restingas
- Humid Pampas
- Chiquitano Dry Forests
- Araucaria Moist Forests
- Guianan Highlands Moist Forests
- Gurupa Varzea
- Guianan Savanna
- High Monte
- Japura-Solimoes-Negro Moist Forests
- Dry Chaco
- Cerrado
- Humid Chaco
- Pantanal
- Jurua-Purus Moist Forests
- Marajo Varzea
- Monte Alegre Varzea
- Napo Moist Forests
- Solimoes-Japura Moist Forests
- Purus-Madeira Moist Forests
- Purus Varzea
- Xingu-Tocantins-Araguaia Moist Forests
- Tapajos-Xingu Moist Forests
- Madeira-Tapajos Moist Forests
- Uatuma-Trombetas Moist Forests
- Southwest Amazon Moist Forest
- Alto Parana Atlantic Forests
- Parana Flooded Savanna
- Serra do Mar Coastal Forests
- Southern Cone Mesopotamian Savanna
- Ucayali Moist Forests
- Pantepui
- Uruguayan Savanna
- Southern Andean Yungas
- Capitals of Countries
- Capitals of States
- Twin Cities
- Brazilian Cities
- Neighbouring Cities
- Triple Border
- Political Border
- Retraced Border
- Ports
- Airports
- Jesuit Missions
- Points of Interest
- Military Headquarters
- Special Border Army
- Customs Control
- Conservation Areas
- Indigenous Lands

How **unimpeded** is the access to the

dossiê



PÁGINAS ANTERIORES

ContraTiempos
[Contratemplos],
Runo Lagomarsino,
2010. Projeção de
27 imagens originais
em loop de carrossel
para slides Kodak
com timer. Cortesia
do artista e Mendes
Wood DM, São
Paulo; "O mapa
não é o território:
o redesenho da
fronteira", 2017.

Muros de Ar. Foto
interna do Pavilhão
do Brasil na 16ª
Mostra Internacional
de Arquitetura
La Biennale di
Veneza. Imagen
Subliminal, 2018.

O termo "território" foi introduzido pela botânica e pela zoologia como sinônimo de área de dominância de determinada espécie. Com a evolução das ciências humanas, incorporou-se a campos diversos do conhecimento, ganhando construções distintas.

O uso do conceito pela geografia humana e urbana é a chave para entender seu uso em estudos de arquitetura e urbanismo no Brasil. Território relaciona-se a uma formação socioeconômica: uma população em um espaço determinado¹, assim como a outras variantes que trazem aspectos políticos importantes para a discussão sobre territorialidade nas áreas de fronteira². Na concepção do geógrafo Friedrich Ratzel (1990), um território está submetido à atuação de um Estado, que exerce o papel de defesa. Para Stuart Elden (2013), professor de Ciências Políticas e Geografia, território é uma tecnologia política. Assim, um território necessariamente implica uma questão de limite e fronteiras.

Um território, no entanto, não necessariamente está atrelado às características físicas de um sítio, mas sim às dinâmicas políticas entre ele e países, estados e cidades; como afirma Celma Chaves Pont Vidal em seu ensaio³, as fronteiras perpassam o ambiente físico, relacionando-se a questões simbólicas e subjetivas.

Exploramos nessa oportunidade o modo como podemos entender esses conceitos frente à escala continental da fronteira política do Brasil. A divisa do país com seus vizinhos da América do Sul tem 16.886 quilômetros de extensão e foi construída por portugueses e espanhóis durante o processo de colonização sem considerar as dinâmicas sociais e fluxos espaciais dos primeiros habitantes dessas terras. Interesses políticos e, sobretudo, comerciais esculpiram a fronteira, que era traçada seguindo limites e obstáculos físicos, ignorando os povos existentes. A aleatoriedade do traçado em relação a esses outros componentes faz com que se pergunte se aquele desenho não poderia ter sido encontrado pronto, a exemplo da obra de Runo Lagomarsino, que acha rachaduras similares ao mapa da América do Sul no concreto da marquise do parque Ibirapuera.

Entre constituição da fronteira e concepção dos territórios brasileiro e vizinhos é necessário tratar das dinâmicas socioeconômicas dessas áreas. Abordado por Vidal (2018) e Duarte (2018), esse aspecto traz o que Krenak (2018) chama de fronteira fluida⁴, aquela que não diz respeito ao físico, mas à cultura de uma sociedade. A instituição física de limitações territoriais não reflete, em definitivo, as relações sociais desses espaços, que permanecem em constante modificação.

Fundamentais para entender as áreas de fronteira, as chamadas cidades gêmeas ou de tríplexes fronteiras são aquelas onde populações de diferentes origens, culturas e economias se somam, criando uma realidade plural. Como Krenak pontua, precisamos entendê-las como áreas de interação de fluxos⁵, baseados na experiência indígena da troca, e não nas experiências de captura de identidade. A linha, mais que um limitante físico, pode ser um local de concentração e irradiação de atividades; ou, como afirma Duarte, não um abismo, mas um centro⁶.

Para além das barreiras conceituais, constituir territórios fronteiriços enquanto unidades de esferas maiores requer um entendimento profundo. Lidamos com evoluções históricas distintas. Em alguns locais mais antigos, enfrentamentos resultaram na edificação de elementos físicos de proteção territorial, como fortalezas e muros. Outros locais são territórios recentes: cidades isoladas e cidades-empresa, desgarradas de seu contexto maior. Colonização, base produtiva e infraestrutura, entre outros, impactam sua estrutura organizacional, política e morfológica⁷.

São 558 municípios fronteiriços (BRASIL, 2005), ou seja, mais de 10% das cidades brasileiras. Eles se diferenciam por seu papel em relação ao Brasil e também à América do Sul, com a qual compartilhamos pouca permeabilidade e conhecimento comum.

Se os territórios estão em constante transformação, podem ser vistos como fluxos e, então, devem ser tratados como tais, através de propostas dinâmicas e valores coletivos. Quem sabe, assim, as fronteiras não passam a ser momentos enriquecedores para os que lá estão ou a elas estão conectados.

O mapa

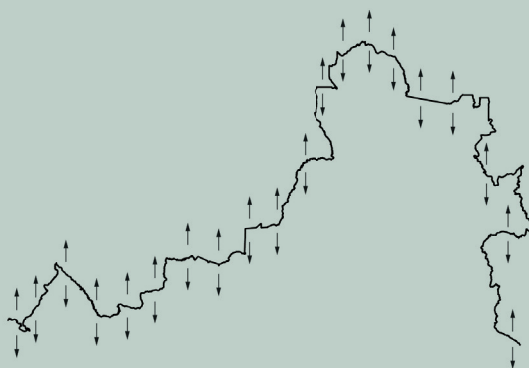
"O Mapa não é o Território" é baseado no princípio que representações cartográficas tradicionais não representam a complexidade das condições territoriais. Ainda que resultado de decisões políticas e históricas, é impossível entender a relação entre territórios baseando-se somente em linhas de fronteiras. Fronteiras não definem onde começam ou terminam identidades. Como alternativa a assumir um papel restritivo, de contenção, a fronteira deve ser representada como uma coleção de sistemas, ecossistemas naturais, grupos sociais, conflitos, pontos de cruzamento e outros elementos que a cercam. A fronteira deve ser vista através de lentes que apontam as possibilidades de intercâmbio, e não de divisão. A frontei-

ra pode ser o lugar em que diferentes estruturas culturais, sociais, físicas, geográficas, ambientais e econômicas se encontram e se complementam.

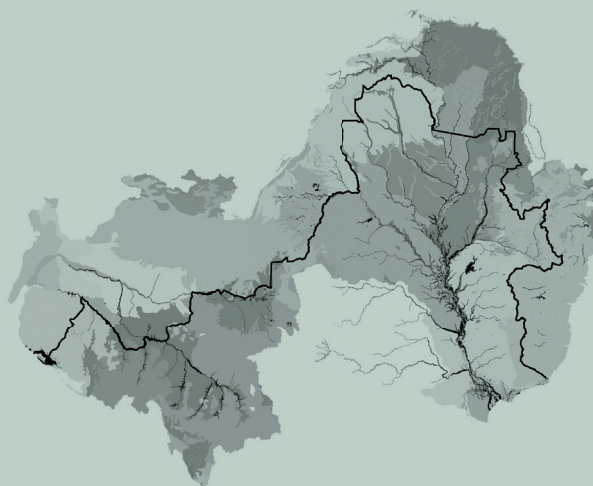
Como citado, a zona fronteira foi construída pelos colonizadores espanhóis e portugueses, de acordo com interesses principalmente comerciais. Guiada por obstáculos físicos, incluindo rios, lagos e elevações topográficas, o traçado da fronteira ignorou os habitantes e biomas que já existiam nas regiões. Finalmente, essa linha, parcialmente arbitrária, carrega significados simbólicos e políticos desconectados das características físicas do território.

O mapa ilustra as muitas camadas que formam a verdadeira fronteira do Brasil. A rotação de 90 graus do mapa enfatiza a imagem da fronteira como muro e transforma o formato familiar do continente sul-americano. Linhas vermelhas representam as possíveis rotas — via rodovias, hidrovias ou acesso aéreo — pelas quais é possível chegar o mais próximo possível da fronteira política oficial do Brasil; demonstram a dificuldade (e em alguns casos, a impossibilidade) de acesso à fronteira, expondo o modo em barreiras que existiam muito antes da fronteira desenhada. A divisão administrativa interna do Brasil e de países vizinhos é substituída por fatores que determinam a experiência desses lugares: a interseção entre biomas e cursos de água; estações de fiscalização da fronteira; cidades-irmãs e aglomerações urbanas; reservas indígenas; áreas de proteção ambiental; missões históricas jesuítas; e portos e aeroportos.

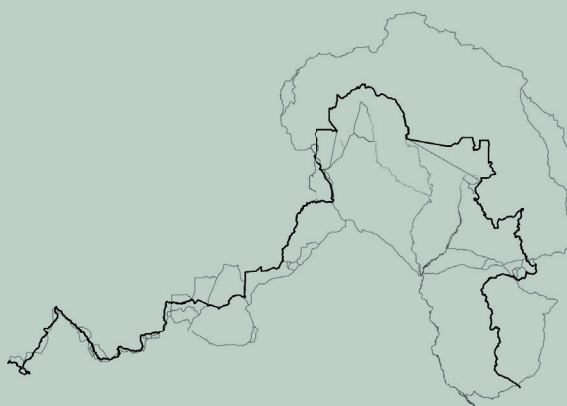
Além de dados populacionais sobre as principais cidades nas fronteiras, o mapa também apresenta a intensidade das relações entre alguns desses locais, refletindo diferentes níveis de permeabilidade. Finalmente, o diagrama na parte inferior do mapa representa as rotas mais plausíveis para viajar a fronteira, baseado em questões como distância, tempo, custo e acessibilidade de cada uma das seções ao longo do caminho.



"A fronteira não deve limitar, mas irradiar" (2018), Gabriel Duarte e Barbara Graeff.



"A continuidade das paisagens transfronteiriças" (2018), Gabriel Duarte e Barbara Graeff.



"Itinerário hipotético costurando a fronteira através de caminhos verdadeiros" (2018), Gabriel Duarte e Barbara Graeff.

AUTORES E CURADORES

Gabriel Kozłowski é arquiteto pela PUC-RJ (2011) e mestre em Urbanismo pelo MIT (2015). Atualmente leciona como Teaching Fellow no Departamento de Arquitetura do MIT e trabalha como pesquisador associado no Leventhal Center for Advanced Urbanism.

Laura González Fierro é arquiteta (2002) pela Universidad Iberoamericana no México, mestre em Design Arquitetônico Avançado (2008) pela Columbia University. Fundou o LED (Long Distance Experimental Lab), um laboratório de pesquisa experimental que funciona em paralelo à prática.

Marcelo Maia Rosa é arquiteto e urbanista pela Universidade Mackenzie e TU/e de Eindhoven Holanda (2005). Cursos complementares pela Université Paris Sorbonne (2012) e pós-graduado pelo curso Arquitetura, Educação e Sociedade da Escola da Cidade (2017), onde é professor atualmente.

Sol Camacho é arquiteta pela Universidade Ibero-americana da Cidade do México e Paris Val de Seine (2004), e mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Harvard (2008). Atualmente é professora da Escola da Cidade e diretora Cultural do Instituto Bardi - Casa de Vidro.

PAVILHÃO DO BRASIL NA 16ª MOSTRA INTERNACIONAL DE ARQUITETURA LA BIENNALE DI VENEZIA
Título da exposição: Muros de Ar

COMISSÁRIO

João Carlos de Figueiredo Ferraz, Presidente da Fundação Bienal de São Paulo.

EQUIPE

Arquitetos: Chiara Scotoni, Olivia Serra, Barbara Graeff, Rafael Marengoni, Haydar Baydoun, Heloisa Escudeiro, Miguel Darcy, Giuseppe Filocomo, Manoela Pessoa, Leonardo Serrano, Nitzan Zilberman, Catarina Flaksman. Estagiários: Júlia Figueiredo, Larissa Guimarães, Luiz Filipe Rampazio.

COLABORADORES CARTOGRAFIA 'O MAPA NÃO É O TERRITÓRIO'

Ailton Krenak, Gabriel Duarte, Celma Chaves Pont Vidal.

GRUPOS E INSTITUIÇÕES DE PESQUISA

1. Mapping Lab (Carolina Passos);
2. MIT - School of Architecture + Planning (Clarence Yi-Hsien Lee, Collyn S Chan, Cristina Grace Clow, Jaehun Woo, Maia Sophie Woluchem, Marissa Elisabeth Reilly, Nitzan Zilberman, Robert Alva Cain, Yeah Nidam);
3. Universidade Federal do Pará (Graciete Guerra da Costa, Ligia T. Simonian Lopes, Bernadeth Beltrão Rosas Bentes, Rodrigo Augusto de Lima Rodrigues, George Bruno de Araújo Lima, Rebeca Barbosa Dias Rodrigues, Luciane Santos de Oliveira, Stephany Aylla de Nazaré Carvalho Pereira, Glenda de Souza Santos, Rebeca Barbosa Dias Rodrigues, Luciane Santos de Oliveira, Stephany Aylla de Nazaré Carvalho Pereira, Glenda de Souza Santos).

NOTAS

1. Definição utilizada pelo geógrafo brasileiro Milton Santos a partir da década de 1970 (MORAES, 2013).
2. O termo "fronteira" vem do latim *frons* ou *frontis* e pode significar também *in fronte*, na frente (TORRECILHA, 2013).

3. Segundo Vidal "Pensar as fronteiras na Amazônia hoje significa estabelecer vínculos com as dimensões que compõem as diversas escalas espaciais do urbano e do rural, com os valores coletivos e subjetivos, com as atividades e políticas econômicas, com as formas de inserção das empresas nacionais e corporações transnacionais e com as políticas de defesas das fronteiras internacionais. O compromisso deve ser, sobretudo, com os grupos que vivem e constroem suas histórias no território real da região amazônica, mais do que com as linhas, planos e manchas que compõem os mapas de suas representações." (2018, p.196).

4. "É fronteira fluida; não é física, é cultural. Os hábitos mudam totalmente com essa interação entre culturas. Tem gente que acha uma tendência natural nos constituirmos todos numa espécie de comunidade global, onde as diferenças são diluídas." (KRENAK, 2018, p.176).
5. "A melhor maneira de diminuir o conflito é fazendo interação de fluxos, o que é muito diferente de fazer integração." (KRENAK, 2018, p.177).
6. "No atual cenário conturbado de integração regional sul-americana, é crucial reconhecer e identificar o modo como as fronteiras e suas cidades alimentam as redes regionais. Esse argumento motivou a criação de uma cartografia alternativa da fronteira, na qual ela não é uma margem, mas um centro." (DUARTE, 2018, p.181).
7. Ver a esse respeito em IPEA DATA (2017) e Torrecilha (2015).

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. **Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira**. Bases para uma Política Integrada de Desenvolvimento Regional para a Faixa de Fronteira. Brasília, 2005. Disponível em: <www.retis.igeo.ufjr.br/wp-content/uploads/2005-livro-PDF.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2018.

DUARTE, G. O horizonte é apenas o início: fronteiras, cidades e identidades. In: CAMACHO, S.; GONZÁLEZ FIERRO, L.; KOZŁOWSKI, G.; ROSA, M. Maia. **Muros de Ar: Pavilhão do Brasil 2018**. São Paulo: Bienal de São Paulo, 2018, p.180-189.

ELDEN, Stuart. **The birth of territory**. Chicago: University of Chicago Press, 2013.

IPEA DATA. Banco de Dados, 2017. Disponível em: <www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>. Acesso em: 18 abr. 2017.

KRENAK, A. O mapa não é o território: o redesenho da fronteira. Entrevista 15 mar. 2018, Rio de Janeiro. In: CAMACHO, S.; GONZÁLEZ FIERRO, L.; KOZŁOWSKI, G.; ROSA, M. Maia. **Muros de Ar: Pavilhão do Brasil 2018**. São Paulo: Bienal de São Paulo, 2018, p.174-179.

MEYER, Regina Maria Prosperi. **O urbanismo: entre a cidade e o território**, 2006. Disponível em: <cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: abr. 2018.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Território na geografia de Milton Santos**. São Paulo: Annablume, 2013.

RATZEL, Friedrich. Geografia do Homem (Antropogeografia). In: MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ratzel**. São Paulo: Editora Ática, 1990, p.32-107.

TORRECILHA, Maria Lucia. **A gestão compartilhada como espaço de integração na fronteira Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai)**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) — Faculdade

de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

_____. Na linha da fronteira. **Colóquio Internacional Sobre o Comércio e Cidade: uma relação de origem**, 2015. Disponível em: <www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/1_cincci/041.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2018.

VIDAL, Celma Chaves Pont. Amazônia múltipla e os significados da fronteira. In: CAMACHO, S.; GONZÁLEZ FIERRO, L.; KOZŁOWSKI, G.; ROSA, M. Maia. **Muros de Ar: Pavilhão do Brasil 2018**. São Paulo: Bienal de São Paulo, 2018, p.190-197.

BASES/ REFERÊNCIAS: O MAPA NÃO É O TERRITÓRIO THE NATURE CONSERVANCY, 2003. Ecoregiões terrestres. [Acesso em: dez. 2017]. Disponível em: <maps.tnc.org/gis_data.html#TerrEcos>.

WORLD DATABASE ON PROTECTED AREAS (WDPA), 2016. Áreas de proteção terrestres e marinhas. [Acesso em: jan. 2018]. Disponível em: <www.protectedplanet.net>.

U.S. GEOLOGICAL SURVEY, Earth Explorer, 2017. Vegetação monitorada por MODIS NDVI v6. [Acesso em: fev. 2018]. Disponível em: <earthexplorer.usgs.gov/>.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍndIO (FUNAI), 2017. Terras indígenas no Brasil. [Acesso em: nov. 2017]. Disponível em: <www.funai.gov.br/index.php/shape>.

DEVELOPMENT BACK OF LATIN AMERICA (CAF), 2008. Ecoregiões fluviais. [Acesso em: dez. 2017]. Disponível em: <www.geosur.info/geosur/index.php/es/datos-disponibles/datos>.

GLOBAL ADMINISTRATIVE AREAS, 2015. Áreas administrativas. [Acesso em: dez. 2017]. Disponível em: <www.gadm.org/version2>.

RECEITA FEDERAL DO BRASIL, Ministério da Economia (RFB), 2005. Área de Controle Integrado. [Acesso em: jan. 2018]. Disponível em: <idg.receita.fazenda.gov.br/orientacao/aduaneira/importacao-e-exportacao/recinto-alfandegados/area-de-controle-integrado-aci>.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL (CAU/ BR), 2017. Arquitetos ativos no Brasil. [Compartilhado: jan. 2018]

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), 2010. Censo populacional. [Acesso em: nov. 2017]. Disponível em: <web.fflch.usp.br/centrodametropole/716>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), 2016. Rios e corpos de água no Brasil. [Acesso em: Dezembro, 2017]. Disponível em: <www.geoservicos.ibge.gov.br:80/geoserver/wmsservice=WFS&version=1.0.0&request=GetFeature&typeName=CCAR:BCIM_Trecho_Massa_Dagua_A&outputFormat=SHAPE-ZIP>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Portos. [Acesso em: nov. 2017]. Disponível em: <ftp://geofp.ibge.gov.br>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), 2016. Limites Administrativos: Municípios do Brasil. [Acesso em: nov. 2017]. Disponível em: <ftp://geofp.ibge.gov.br>.

NATURAL EARTH DATA. Batimetria. [Acesso em: dez. 2017]. Disponível em: <www.naturalearthdata.com/downloads/10m-physical-vectors/>.

NATURAL EARTH DATA. Aeroportos. [Acesso em: nov. 2017]. Disponível em: <www.naturalearthdata.com/downloads/10m-cultural-vectors/airports/>.

GOOGLE, 2017. América do Sul / tempo e rotas entre cidades. Google Maps [Acesso em: dez. 2017]. Disponível em: <www.google.com/maps/@-13.8326385,-53.8151095,4.75z>.